

## (ENTRE)CAMINHOS E REINVENÇÃO DO ENSINO DE TEATRO NA PANDEMIA<sup>1</sup>

Erickaline Bezerra de Lima

Nicholas Gomes Viana de Oliveira

Glaise de Nazaré Ramos Bastos Rodrigues

José Isac da Silva

Karina Lisbôa Vargas

Leonardo Lisboa Cordebello

Marta Jussara Fructuoso da Silva

Rafael Florêncio de Oliveira

Sara Maria Pinheiro Peixoto

145

DOI 10.21680/2595-4024.2023v6n1ID34294

*A vida só é possível, reinventada!*

*(Cecília Meireles)*

Diante da proposta geral do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (CIPA), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), os Grupos de Conversa (GC) se tornaram um canal de partilha de saberes e práticas teatrais

---

<sup>1</sup> Este texto coletivo foi escrito no terceiro encontro do Grupo de Conversa 3 do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (II CIPA), promovido pelo Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que aconteceu de 8 a 12 de novembro de 2021, em formato remoto, em torno do tema: "(im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia".

desenvolvidas em um momento de intensa adversidade provocado pela Covid 19. Os encontros no Colóquio reuniram professores(as), artistas e estudantes da área das artes em um mesmo espaço-tempo virtual, a fim de compartilharem os desafios e estratégias encontradas por cada um, em seus respectivos contextos de trabalho/ensino. Não podemos deixar de mencionar que, pelo caráter internacional do evento, a diversidade também era encontrada na procedência dos participantes, por serem oriundos de diferentes lugares do Brasil, algo que enriquecia ainda mais os debates. Este texto é fruto das discussões do GC 3, que inicialmente contou com 15 participantes, cujos trabalhos giravam em torno das seguintes temáticas: Teatro na Educação Infantil, Teatro no Ensino Superior, Teatro no âmbito do PIBID, Teatro e interdisciplinaridade.

A epígrafe deste texto, da grande poetisa brasileira Cecília Meireles, também marca o encerramento dos debates realizados por esse GC, caracterizado pela reinvenção. Esta simples palavra nos remete aos mais profundos sentidos, ainda mais em um contexto tomado por medidas protetivas para a contenção do coronavírus, dentre elas o distanciamento social. Como se sabe, uma das consequências daquela nova realidade pandêmica foi a suspensão das atividades escolares presenciais em todo o país. Tal situação modificou completamente a rotina e o fazer de inúmeros professores e estudantes das redes públicas e privadas de educação, nos seus vários níveis de ensino, necessitando repensar seu trabalho, bem como convocando todos abruptamente a se reinventarem.

Com tantas mudanças, professores e professoras de todas as áreas e níveis de ensino se viram obrigados a se adaptarem de forma repentina ao trabalho remoto que demandou espaço, tempo, formação e equilíbrio emocional para gerir tantos afazeres e responsabilidades enquanto profissionais, em outros momentos como mães, pais, filhos, filhas e também estudantes. Naquele cenário de incerteza e readequação, a realidade exigiu autenticidade, inovação, motivação e criatividade. Os professores tiveram que desenvolver estratégias para gerar no

aluno/participante a vontade de se envolver nas aulas, de uma maneira efetiva e satisfatória.

Mediante tal panorama, sobressai o seguinte questionamento: Que entrecaminhos foram criados, transformados ou reinventados no ensino de teatro no contexto da pandemia por Covid-19? Como motivar o participante sem o contato físico pulsante que o teatro proporciona?

Sabemos que o teatro é uma arte performática pautada na presença e no encontro, sendo assim, o primeiro passo seria pensar estratégias para não perdermos de vista as principais características expressivas dessa arte. Com isso, fomos desafiados a pensar o ensino do teatro de forma remota, o que parecia inconcebível, pois o teatro é a arte do contato, do olho no olho, da sinestesia. Mas, como educadores, buscamos alternativas, pois não poderíamos deixar nossos educandos sem acesso à experiência teatral. Os espaços culturais das cidades, onde outrora ocorriam os espetáculos e outras atividades artísticas, foram trocados pelos ambientes das nossas próprias residências e as necessidades materiais eram supridas por aquilo que estivesse disponível ao nosso alcance: um lençol, adereços de carnaval, objetos decorativos da nossa casa, etc. De fato, utilizava-se tudo para elaborar um espaço cênico, ainda que não fosse o ideal.

É claro que as primeiras experiências nos pareceram um tanto frustrantes, também pelo desânimo e desesperança que nos rondavam, mas como artistas-educadores desistir não era uma opção; por isso, a cada dificuldade apresentada, emergia também alguma forma de superação. Alunos e professores se lançaram em um palco virtual, pois, mesmo que separados fisicamente, estávamos conectados pelo afeto que a arte teatral promove. Verbos como esperar, lutar e resistir constituíram nosso repertório de resistência e com muito esforço, criatividade e estudos elaboramos materiais didáticos que alcançassem nossos alunos por meio de plataformas digitais que *a priori* haviam surgido para o entretenimento: esses canais se tornaram pontes onde alunos e professores transitavam, a fim de que o ensino-aprendizagem em teatro se

efetivasse. Além disso, o contexto provocou a criação ou o aprimoramento de plataformas para fins educacionais, as quais foram bastante utilizadas pelos professores com a finalidade de organizar suas propostas didático-pedagógicas, a exemplo do *Google Classroom*.

Essa movimentação de postar conteúdos em plataforma de ensino estimulou professores a produzirem seus próprios materiais didáticos, com possibilidades e sugestões de aulas de teatro para ensino escolar, de uma forma lúdica e atrativa. Podemos mencionar um canal do YouTube com alguns tutoriais e também uma conta no Instagram de mesmo nome, chamado “Furor Pedagógico”. Em razão da pandemia, essas redes sociais foram alimentadas com os materiais produzidos, a partir das próprias aulas que aconteciam de forma síncrona e assíncrona, com o uso de “memes”, jogos online, tutoriais, contação de história, formas que fizeram os alunos terem mais identificação com os conteúdos abordados.

Além disso, as redes sociais serviram como grande inspiração para a criação das aulas. Com um olhar artístico-pedagógico, foi possível perceber que no *Tik Tok*<sup>2</sup> há vídeos que poderiam ser utilizados na criação das atividades não só de forma *online*, mas também de forma presencial. Desenhos animados e séries atuais foram utilizadas para a criação de jogos virtuais de expressão vocal, vídeos interativos para trabalhar expressão corporal e articulação vocal nas atividades assíncronas e fichas de atividades teatrais foram desenvolvidas. Foram produzidos ainda contação de histórias e tutoriais, reproduzindo os elementos criados nas histórias, com materiais comumente encontrados em casa, como: caixa de remédio, rolo de papel higiênico, caixa de ovo, dentre outros.

O teatro de forma interdisciplinar dialoga entre as diversas áreas e campos de saber. Como exemplo podemos mencionar a experiência que alia ensino do espanhol e linguagem teatral, nos fazendo buscar mais interação no

---

<sup>2</sup> Aplicativo de mídia produzido para criação e compartilhamento de vídeos curtos, criado em 2016. Tornou-se nos anos seguintes uma das redes sociais mais populares entre os jovens.

binômio professor/aluno (NÚÑEZ, 1996). Os alunos trabalharam desde a respiração a corporeidade expressiva que resultou em uma pequena apresentação para toda a turma. Dentro da proposta houve trabalho de pronúncia, entonação, impostação da voz, gravar e escutar a voz, dublagem de vídeos são alguns dos elementos básicos que foram norteadores nessa fase de ensino de teatro nas aulas de espanhol como língua estrangeira.

O modo tradicional de ensinar idiomas tende a utilizar uma metodologia de aprender através de palavras e frases soltas fora de contexto, no entanto em articulação com o Teatro, ao encenar as situações que exigem atitudes para resolução de problemas do cotidiano, as palavras ditas fixam na mente e no corpo. Pensando em um desdobramento disso, improvisar cenas com o repertório linguístico aprendido faz com que o(a) orientador(a) possa assimilar o que já foi apropriado pelo aluno e quais são as dúvidas que permeiam. Por conta do ensino remoto, houve a questão de iniciar a aprendizagem através das ferramentas fornecidas pela plataforma, assim os alunos já se habituariam a aprender algumas palavras do próprio contexto virtual, da tela/plataforma/ferramenta.

Ainda na linha interdisciplinar, evidenciamos uma relação pouco usual, o Teatro com a Matemática — ou Matemática com o Teatro? (POLIGICCHIO, 2011) que também toma corpo no projeto de extensão “Matemática é Show” desenvolvido desde 2011, na Universidade do Estado da Bahia, na cidade de Alagoinhas, Bahia, coordenado pela professora Ma. Daniela Batista Santos, do curso de Licenciatura em Matemática. O teatro aparece em uma das atividades deste projeto: “Malba Tahan no teatro”, em que os monitores e a coordenadora produzem uma peça teatral com um dos contos do livro “O homem que calculava” de Malba Tahan (2011), pseudônimo/heterônimo do professor Julio Cesar de Mello e Souza, que defendia uma matemática divertida, diversificada, autônoma, crítica e que os/as estudantes fossem construtores de sua aprendizagem. Os participantes daquele projeto fizeram desde a seleção dos contos até a produção de roteiros, figurinos e cenários.

A linguagem teatral já se inicia no processo dos bastidores. Os espetáculos acontecem em escolas públicas, eventos científicos e no evento anual do projeto. Mais do que criações, trata-se de uma forma diferenciada de aprender Matemática demonstrando o quão é possível trabalhar com o Teatro. Dos olhos brilhantes e fixados até as palavras de agradecimento e de encantamento, os/as estudantes nos mostravam a necessidade de continuarmos a desenvolver tal atividade. Aos professores/as apresentamos a possibilidade de trabalharem com os/as seus/suas estudantes.

Mas: como dar continuidade a tudo isto quando surgiu a pandemia? Seriam eles silenciados pelas máscaras que tentaram nos proteger daquele vírus mortal? A resposta estava em se reinventar. O licenciando de Matemática Rafael Florencio, caracterizado de Beremiz, personagem principal do livro de Tahan (2011), e com recursos de *slides* interativos, levou o imaginário a todos os lugares que assim desejassem hospedar um árabe matemático. E assim foi feito, percebendo que, mesmo distanciados fisicamente um dos outros, não estariam sem Teatro e Matemática.

Diante do que vimos até aqui, reconhecemos no Teatro uma senhora que com sua beleza põe a mesa e de forma simpática convida outras áreas para se sentarem e compartilharem conversas inusitadas. A História (ALMEIDA, 2016), o Espanhol e a Matemática ousaram se fazer presentes e juntos dialogaram com a tal senhora chamada Teatro e ouviram os seus ensinamentos. Cada uma sai deste rico jantar com lembranças que usarão no futuro. Com essas metáforas percebemos o quanto é possível atrelar o Teatro a outras áreas do conhecimento de forma a aproximar os/as estudantes de conteúdos, bem como permitir que estes expressem o imaginário que existe dentro de si. E mesmo diante de um contexto tão atípico em nossa realidade, tais alianças conseguiram se manter firmes e se fortalecerem mutuamente, em prol de uma educação com sentido.

Nestes territórios de entrecaminhos variados, continuamos percebendo que as referências artístico-teatrais se atualizam aos novos tempos. A

possibilidade de utilização de jogos teatrais, como os proposto por Viola Spolin (1987), puderam ser transformados na relação remota virtual. Ainda que tenhamos a incontestável preferência pela experimentação presencial-física, esta possibilidade garantiu que não tenhamos nos perdido do teatro e do que ele nos evoca, isto é, tornou-se uma experiência diferente e possível de vivenciar o teatro na virtualidade. Lembremos também que na virtualidade, nestes caminhos possíveis descobertos pelo movimento constante de reinvenção, destacamos que a abordagem triangular, proposta pela arte-educadora Ana Mae Barbosa (2012), pautada no fruir, fazer e contextualizar – continuou extremamente válida.

A vontade de querer mais se expandiu a ponto de fazer com que buscássemos mais e mais formas e estratégias, descobrindo novos caminhos a cada passo. É o caso das adaptações que muitos grupos e Cias teatrais realizaram, com o intuito de mostrar o seu trabalho, a sua arte, acendendo a chama da cultura, essa chama que também é símbolo de resistência, que traz a magia do teatro para todos nós. Atores/atrizes passaram a se preocupar com técnicas como enquadramento, efeitos e filtros. Professores trocaram, abruptamente, suas mesas e lousas por computadores e *ring-lights*. Para além de tantas crises eclodidas no planeta, tivemos que nos preocupar com a crise das relações, daquilo que até então as artes minimamente experimentavam, mas que agora um corpo habita e transita pelos mundos do universo digital.

E nesta vertente de esperança – do verbo esperar, como o sábio professor Paulo Freire (2006) afirmava – em continuar a existir e resistir, o teatro ganhou novas roupagens, leituras, vozes e até expressões. Expressões a partir da liberdade de ser criança. Fruto da linguagem teatral, através de descobertas, adaptações, espontaneidade, criações e inovações, como crianças a explorar o ainda não-conhecido e logo criam um lugar de aprendizados. Não somente das crianças, mas até dos/das universitários/as, dos licenciados, que através de programas como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

(PIBID) mostraram/mostram que é possível ensinar teatro em qualquer formato de ensino: ensinar teatro!

Notas diárias da coordenadora e do coordenador do GC 3 do II CIPA<sup>3</sup>

09/11/2021 — O dia decorreu de comunicação prévia sendo estabelecida pelo WhatsApp, utilizando recursos lúdicos e formas de apresentação diferentes, como envio de foto que represente o período de ensino remoto e áudios com os quais o nosso GC 3 compôs o que passamos a chamar de “Rádio CIPA”. À noite, início dos encontros síncronos do GC, acolhemos os participantes ao som de música e, após a entrada de todos, seguimos com as regras do jogo proposto pelo II CIPA.

10/11/2021 — Realizamos as atividades propostas cumprindo todos os objetivos do dia e finalizamos com cada um dizendo uma palavra representativa para aquele momento.

11/11/2021 — Hoje foi o dia da produção do nosso texto coletivo, seguida do momento de avaliação da experiência do Grupo de Conversa, que foi positivamente comentada.

## Referências

ALMEIDA, Maria Helena Gondim. Ensino de História a partir do teatro: entre práticas e representações. In: NEVES, Adriana Freites et al. (org.). Estudos Interdisciplinares em Humanidades e Letras. São Paulo: Blucher, 2016. p. 59-72.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino de Arte: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2012.

---

<sup>3</sup> Erickaline Bezerra de Lima e Nicholas Gomes Viana de Oliveira.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.

São Paulo: Paz e Terra, 2006.

NÚÑEZ, Torres Juan José. Nuevos horizontes para el teatro en la enseñanza de idiomas. Almería, Universidad de Almería, Servicio de Publicaciones, 1996.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o Teatro. São Paulo: Perspectiva, 1987.

POLIGICCHIO, Andréa Gonçalves. Teatro: materialização da narrativa matemática. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TAHAN, Malba. O homem que calculava. Rio de Janeiro: Record, 2011.